

Bruna Moraes Battistelli  
Jaileila de Araújo Menezes  
Luciana Rodrigues  
Diônvera Coelho da Silva  
ORGANIZADORAS



# Cartas para bell hooks

Práticas de esperança e de transformação  
social inspiradas nos feminismos negros

**Bruna Moraes Battistelli  
Jaileila de Araújo Menezes  
Luciana Rodrigues  
Diônvera Coelho da Silva  
(Organizadoras)**

**Cartas para bell hooks:  
práticas de esperança e de transformação  
social inspiradas nos feminismos negros**

Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN  
Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as - COPENE  
Editora IFSertãoPE

---



**©2023 TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

Os capítulos ou materiais publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Direito autoral do texto © 2023 Os autores

Direito autoral da edição © 2023 Editora IFSertãoPE

Publicação de acesso aberto por Editora IFSertãoPE

Disponível para download em:

<https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/>

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C322

**Cartas para bell hooks : práticas de esperança e de transformação social inspiradas nos feminismos negros / Bruna Moraes Battistelli, Jaileila de Araújo Menezes, Luciana Rodrigues, Diônvera Coelho da Silva. - Petrolina: IFSertãoPE, 2023.**  
1910 KB ; PDF ; 188p.: il.

ISBN 978-65-89380-16-0.

1. Racismo. 2. Feminismo. 3. Opressão. 4. Esperança. 5. Transformação.

I. Título. II. Battistelli, Bruna Moraes. III. Menezes, Jaileila de Araújo. IV. Rodrigues, Luciana. V. Silva, Diônvera Coelho da.

CDD 320.56

---

Ficha Catalográfica Elaborada pela Bibliotecária Ana Christina Bezerra CRB4-2311

---

## Introdução

Bruna Moraes Battistelli  
Doutora em Psicologia Social e Institucional  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Jaileila de Araújo Menezes  
Doutora em Psicologia  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Luciana Rodrigues  
Doutora em Psicologia Social e Institucional  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Diônvera Coelho da Silva  
Doutoranda em Educação  
Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)

*de que valerão meus escritos  
se outras não falarem  
não se contarem  
não dançarem  
não se manifestarem  
não protestarem  
não se erguerem*

*Ryane Leão (2019)*

bell hooks, nome que Gloria Watkins quis ser chamada em homenagem a sua avó, escritora à frente do seu tempo, revolucionária em seu pensamento, fez sua passagem em dezembro de 2021. Em setembro de 2022, em homenagem aos seus 70 anos, decidimos enquanto integrantes do *Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado*<sup>1</sup>, propor uma publicação-celebração em sua homenagem: um convite a quem desejasse escrever cartas à bell, o que se tornou possível a partir da chamada para organização de publicações especiais realizada pelo XII COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as, evento organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadoras/es negras/os (ABPN).

A menina que chorava na calçada da escola, se sentia invisível e que não era vista

<sup>1</sup> Coletivo de estudo, pesquisa e extensão vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao qual integram estudantes, docentes e profissionais de diferentes áreas de formação e de diferentes regiões do país.

pelos seus professores supremacistas brancos que desprezavam sua raça, sua condição de classe e o seu lugar de origem; que sentia o desconforto do machismo e do sexismo dentro de sua própria família, que se sentia cuidada, mas pouco amada, teve coragem de expor suas feridas ao mundo. Sua coragem seria como um farol a iluminar e tocar milhares de mulheres, homens e crianças; pessoas de todas as idades, raças, religiões para que tivessem também coragem de enfrentar as suas próprias dores e dificuldades e aprender a amar.

Estadunidense de Kentucky, mulher negra, feminista, educadora e escritora. Escreveu seu primeiro livro aos 19 anos. Seus escritos produzidos com seu corpo todo, acolhia os afetos e escrevia com o coração. Soube criticar a produção do conhecimento hegemônica e supremacista branca, a cisão entre a razão/emoção e a suposta neutralidade, pois é fundamental compreendermos como o “pessoal é político” (2019, p.80). Portanto, para ler bell hooks precisamos estar dispostas/os a romper com as políticas de opressões, sua luta, podemos assim dizer, baseia-se na esperança de um mundo sem opressões, um mundo radicalmente amoroso. A menina, a quem esperavam seguir a carreira de professora, cresceu defendendo a educação como prática de liberdade e, a partir do fazer docente, descobriu que a escuta ativa é uma excelente ferramenta de aprendizagem. Todas as pessoas precisam ser escutadas e as diferentes realidades precisam ser acolhidas. Aprendemos com bell que contar histórias, as mais miúdas do cotidiano, é uma importante ferramenta de transformação social, pois amplia as possibilidades de diálogos e aprendizados mútuos. Em tempos de violência e acirramento dos sistemas de opressão, a arte do diálogo é uma preciosidade que precisamos alimentar relação à relação.

Assim, inspiradas em bell hooks e no chamamento que o XII COPENE fez para propostas de publicações especiais, sonhamos uma coleção de cartas que pudesse acolher profissionais, docentes, estudantes e ativistas que sonham a transformação social em seu fazer cotidiano. Atenderam nosso chamamento para esta coleção celebrativa, mulheres e homens que chegam desde diferentes territórios físicos e existenciais e que moram em Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba, Goiás, Paraná e também do Chile. Essas pessoas têm algo em comum: o afeto e o reconhecimento agradecido por tudo que bell hooks e outras mulheres negras lhes ensinaram. Recebemos um total de 33 cartas (que dividimos em 4 coleções) através das quais bell hooks se torna próxima e é chamada de amiga, irmã, mais velha, mana, é aquela pessoa que abraça, que acolhe, que ensina com amor, que dá colo, que diz “verdades” duras de se compreender imediatamente. Partilhamos do sentimento de que bell é a pessoa que nos oferece um caminho de coragem, de cura, de resistência e sabedoria. É assim que ela percorre os espaços de vida e atuação profissional

das/os autoras/os deste livro; seu pensamento foi levado para diferentes lugares. Uma sensação comum a todas que a leem é de que existe alguém na academia que não está distante, que pensa como nós, que nos endereça a escrita, porque é também uma de nós. bell hooks foi levada para diferentes escolas de Minas Gerais por Alessandra e Áquila e, em Porto Alegre, por Tainara que fez um bonito trabalho na comunidade onde nasceu. Um trabalho que lembra as memórias de Lilian sobre a importância do amor e do cuidado na vida de crianças negras. De memória em memória, nos conectamos com Andrea, que no Chile, com crianças que são suas vizinhas, construiu um jardim de desenhos.

“O amor é o que o amor faz” (hooks, 2020a, p.47) é o que bell hooks nos ensina em seu livro do *Tudo sobre o Amor* (2020a) e as histórias que nos foram ofertadas em forma de cartas transbordam ações e gestos amorosos. Assim, a partir da ação, Nathália Simão foi conjurando os fios de uma pactuação coletiva de aprendizagem com suas/seus alunas/os – um enfrentamento cotidiano quanto aos efeitos do racismo em crianças em idade escolar. A obra de hooks também percorreu abrigos, consultórios, Unidades Básicas de Saúde, Grupos de Estudos, Coletivos que se formaram inclusive com seu nome, como o *Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado* coordenado por Luciana Rodrigues, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o qual integram as organizadoras e diferentes escritoras das cartas aqui reunidas.

Através dos escritos de cada remetente, percebemos bell presente em momentos de solidão, de medo, de sofrimento e desesperança, mas também acompanhando essas pessoas no encontro de caminhos contra-coloniais, em seus percursos de autorrecuperação e autorrealização, conceitos pensados pela autora e que, em diferentes momentos, foram citados ao longo das cartas. Lwdmila e Lívia, assim como Alessandra, Áquila, Rebeca, Letícia e Luciana reafirmam o valor da obra de bell para seus processos de cura e possibilidade de abertura para a experiência do amor. “Com você aprendi a não deixar o fatalismo consumir a minha esperança”, diz Rebeca em sua carta. bell hooks simplesmente é e está conosco, nas pequenas alegrias, nos prazeres da vida das mulheres e homens que escreveram essas cartas e que não desistem de enfrentar as lógicas de opressão a que estão submetidas/os, criando condições de possibilidades para uma existência ética e amorosa. Tarine nos ensina a arte do amor em sua delicadeza e firmeza mesmo em experiências tão doloridas como as que viveu. No trabalho de Roberta Gracyelle de Lima Ferreira Cunha e Jaileila, o pensamento de bell hooks foi ponte para que pudessem entender e defender a necessidade de cuidado para as trabalhadoras que ofertam a socioeducação; Jeanyce e Marília também compartilham uma carta que pensa o cuidado e como constituímos ele em nossos

espaços de trabalho nos alertando sobre a violência que não hesita em separar mães negras e pobres de seus filhos/as. O trabalho pode nos potencializar, mas também pode nos adoecer; Danuza foi corajosa ao deixar sua atividade profissional remunerada para cuidar de si e compartilhar sua história conosco.

Este ebook celebra o legado de bell hooks, apostando nas histórias que podemos contar e nas histórias que compomos quando nos abrimos ao diálogo com outras/os pelo país afora. Mais do que textos que reproduzem os conteúdos deixados pela autora em seus livros, queríamos a conversa, a partilha, as histórias de vida e de trabalho que constituem cuidado para as pessoas envolvidas, pois como nos ensina bell, contar histórias é parte importante dos processos de cura, de cicatrização, de construção de comunidades (hooks, 2020b). Dialogando com as cartas que nos foram ofertadas, lembramos de Gislenny que afirma que bell lhe forneceu uma lente que a torna capaz de enxergar as suas potencialidades e não hipervalorizar seus defeitos, alguém que “não silencia diante das injustiças”. Amanda também aprendeu a não silenciar e em sua carta-poema escreve: “O rompimento do silêncio nos salvou”. Nesse caminho, bell hooks nos ensina a erguer a voz (hooks, 2019), nos convocando a usarmos a linguagem como meio de luta, enquanto o nosso mundo for permeado por políticas de desamor. Valéria e Lucimar nos mostram a importância de registrar a história, a existência de pessoas negras. Nos lembram a importância de acolhermos as invenções cotidianas de estratégias de resistência para sobreviver às pressões sociais. Nos lembram da força que bell tem para acolher momentos de dor.

Podemos ser fãs das autoras com quem trabalhamos? Camila Dutra afirma ser fã de bell hooks. A autora é guia ancestral, alguém que oferta caminhos possíveis e potencializadores do nosso existir com dignidade. Para Roberta Gomes e Camilla Vieira, bell hooks têm sido uma intelectual importante no percurso de se tornarem negras. Camilla nos narra o quanto encontrou um lugar em meio a tantos não-lugares que a formação acadêmica oferece a uma mulher negra e Roberta nos conta que viajou para Recife e sentiu o *Aquilombamento* de perto e pôde, assim, comemorar o seu aniversário cercada por pessoas negras como elas, tudo isso a faz acreditar mais no amor que bell fala ser possível existir. Fios de histórias que nos lembram como Helen e Yure, que entrelaçaram suas histórias, para nos narrar possibilidades de resistir em um mundo que oferta não-lugares para mulheres e homens negras/os. Uma estratégia similar, teceram Arthemisia e Katia, que juntas tramaram suas redes de histórias para contar da experiência de serem mulheres negras nordestinas.

A obra da autora é essa força arrebatadora que fez Pedro Henrique reafirmar seu compromisso com a educação. Uma educação engajada, comprometida com a escuta atenta e

respeitosa. Bruna fala de como bell ampliou seu amor e cuidado com a sala de aula, permitindo ocupar esta com o corpo todo. Algo que talvez precise contagiar mais processos formativos, pois Katiane, Gabriela e Bárbara, em suas cartas, nos contam das suas frustrações com a formação em psicologia, elas solicitam mudanças reais para o fazer *psi*. É necessário uma psicologia que não seja de aparências para formar uma comunidade de aprendizagem, como lembrada na carta de Sharyel. Já Thuila mostra em sua carta que não precisamos ser feministas para dialogar com bell hooks e Hélen e Dulce nos contam de sua experiência com um grupo formado por mulheres negras para pensar o racismo e sua relação com o Serviço Social.

Marlete aciona suas histórias com o livro “*E eu não sou uma mulher*” e como o trabalho de bell foi ampliando suas possibilidades de reconstrução. Já o texto “*Vivendo de amor*”, um dos primeiros escritos de bell hooks que muitas de nós teve contato pela primeira vez, continua potente não só para Izanete, mas para todas que precisávamos/precisamos ouvir que merecemos o amor. E pensamos no que Nathallia Protazio afirma: que seu inegociável é a honestidade quando falamos de amor. A honestidade como forma ética de entrarmos nos relacionamentos cotidianos e afetivos.

Para irmos finalizando lembramos do exercício ficcional de Clayton e Rafaela que nos apresentam Maria, que escreve uma carta a pedido de sua filha Yara; assim a dupla nos mostra que bell hooks está muito perto de nós, porque ela alcança todos os lugares e pessoas que se abrem a educação engajada, a autorrealização, ao amor, a comunidade de aprendizagem, a erguer a voz, a autorrecuperação, conceitos criados por hooks e que vibram entre uma comunidade de pessoas que se importam em fazer do mundo um lugar habitável no qual é possível uma experiência interdependente. Se o feminismo é para todas/os como defendia a autora, que possamos dialogar em uma linguagem mais próxima, como as cartas, as conversas, os causos, a fofoca, etc. O diálogo honesto e amoroso, desta forma, são ferramentas de combate para que possamos nos ofertar e assim ofertar as/aos demais um mundo mais amoroso.

Antes de finalizarmos essa introdução, reafirmamos o convite para que vocês, caras/os leitoras/es, adentrem as cartas que nos foram ofertadas, bem como escrevam suas próprias cartas. Se você fosse escrever para bell hooks: o que diria? Como você narra suas experiências, histórias e trajetórias profissionais? Como narra aquilo que de mais precioso produz no miúdo de sua vida? Escolhemos nos ocupar com as cartas, porque estas acolhem o vivido, contam de como a vida vai se desdobrando e acima de tudo, as cartas apostam que o conhecimento acontece em rede, tecido fio a fio pela abertura ao diálogo. Quando pensamos



em celebrar a obra de bell hooks, lembramos do quanto ela apostou no diálogo como ferramenta de aprendizagem. E se queremos ampliar as possibilidades de narrarmos o cuidado em meios acadêmicos (livros, artigos, ebooks, dissertações, teses, congressos), precisamos apostar na potência que a conversa tem como ampliadora de aprendizagem e disseminadora dos fios mais sensíveis da existência. Sentimos, assim, que uma produção acadêmica escrita em pequenas cartas, honraria os ensinamentos de bell hooks.

Desta forma, nos despedimos, desejosas de que as quatro coleções aqui organizadas alimentem teu apetite por histórias, por conexões e por relações de cuidado. E que tu se abra e se permita se encharcar pelas histórias que tão gentilmente nos foram ofertadas. "Queríamos dizer-te obrigada", Isabel e Eliane afirmam em sua carta. E o mesmo desejo nos acompanha: Obrigada bell hooks por tamanha generosidade em teu percurso!

Abraços,  
Bruna, Jaileila, Luciana e Diônvera

## Referências

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor*. São Paulo: Elefante, 2020a.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020b.

LEÃO, Ryane. *Jamais peço desculpas por me derramar: poemas de temporal e mansidão*. Planeta Estratégia, 2019.